

Um sacrifício para o condutor político

máticos, biológicos etc., e com isso negar a especificidade da filosofia. Ele responde: a crença na especificidade da filosofia eu aprendi com o senhor (p. 144). Deleuze nos mostrou que importava menos o que uma coisa *é* do que os *usos* que dela se poderia fazer, dos modos como se faz *funcionar*.

Logo de início se é avisado sobre o que no livro *não há*: textos inéditos ou póstumos, exceto o texto que dá nome ao livro, “Causas e Razões da Ilha Deserta”. O mais profundo é a pele, tudo já estava lá, na superfície do que já estava escrito e publicado, Deleuze não queria póstumos, comenta Lapoujade... Mas como seria interessante se Deleuze fosse alvo de uma traição tão potente como aquela cometida por Max Brod com Kafka, que deveria ter queimado suas obras incompletas e escritos pessoais, mas preferiu publicá-los... Na traição se está em risco, e no risco está a possibilidade da invenção de uma máquina de guerra.

um sacrifício para o condutor político | edson passetti*

Ismail Kadaré. *A filha de Agamenon. O sucessor*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, 217 pp. Tradução de Bernardo Joffily.

Uma noite, durante um jantar, um jovem editor propiciou uma breve e intensa conversação sobre Thomas Bernhard, de quem eu tinha lido recentemente *Per-*

* Coordenador do Nu-Sol, Núcleo de Sociabilidade Libertária, e professor no Depto de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

turbações, presente de um amigo. Um outro livro pousado na mesa de leituras de minha casa, ganho de outro amigo, intitulado *A filha de Agamenon. O sucessor*, duas ficções de Ismail Kadaré, de alguma maneira me atiçava e me rechaçava.

Olhava para um dos títulos e pensava em Fidel Castro na sua longevidade e nas imprecisas notícias sobre seu estado atual de saúde, fato adequado e esperado quando se trata da vida de um ditador, e em seu *sucessor*, o irmão Raul, que se vier a ocupar o lugar do condutor continuará a ditadura do proletariado por linhagem de sangue, já em voga na Coréia do Norte. O outro título me levava à jovem Ifigênia, filha de Agamenon, sacrificada em nome do direito do rei à vida de cada guerreiro numa guerra pela recuperação da bela Helena, esposa raptada pelo formoso Paris. O livro de Kadaré, enfim, tinha contra ele um certo filme baseado em um de seus romances. E, por isso, também, ele fazia parte de minhas salutares perturbações.

Ismail Kadaré viveu na Albânia tomada pelos fascistas, nazistas, socialistas soviéticos e depois alinhada ao governo chinês, desde 1968 até a morte de Mao-Tsé tung. Buscou o exílio na França antes do fim da ditadura, em 1992, durante o governo de Ramiz Alia, o sucessor de Enver Hodja (1945-1985), que procurou reabrir diplomaticamente o país reatando relações com os Estados Unidos, União Soviética, Itália e Grécia, e realizando eleições em 1991. O resultado reafirmou a vitória dos comunistas que por si só foi insuficiente para gerar uma paz temporária. O caos político e econômico permaneceu gerando não só uma imigração em massa para os portos da Itália, mas provocando a chamada de uma nova eleição que levou os democratas ao governo. Como na URSS, a ditadura do proletariado ruía diante do dispositivo eleitoral democrático.

Kadaré foi um resistente sem pretender virar herói ou mártir. Consta que publicou *O grande inverno*, em 1977, lisonjeando o ditador, para poder continuar escrevendo, mas que desde então arranjou um jeito de enviar seus escritos para o exterior como foi o caso de *A filha de Agamenon*, concluído em 1985, conforme atesta Claude Durand, presidente da Fayard, no prefácio desta edição brasileira. Entre outubro de 2002 e março de 2003, escreveu *O sucessor*, complementando o breve livro anterior com a mesma escrita enxuta e trágica, traduzida por Bernardo Joffily, brasileiro que chegou a trabalhar na rádio Tirana juntamente com o líder do PC do B, João Amazonas, quando tinha admirações pelo regime de Hodja. Mas não foram somente eles os apreciadores brasileiros da pouco conhecida ditadura do proletariado albanesa. O sociólogo e deputado federal pelo PT Florestan Fernandes, depois de visitar o país no início da década de 1990, provavelmente cercado por programas oficiais, ao regressar declarou seu grande entusiasmo com aquele socialismo, numa época em que PT era sigla que associava socialismo e democracia.

Ismail Kadaré compôs um díptico sobre os sacrifícios ao poder, os assujeitamentos, medos, as maneiras da ditadura do proletariado, a sucessão do Condutor, o que dita as leis, que nos remetem à Cuba de hoje em dia, mas não só às tiranias governamentais. As ditaduras não acabam simplesmente com a morte do ditador, a sucessão ou a substituição do regime; elas criam os dispositivos de exceção, articulando expectativas da população e medidas jurídico-políticas que, gradativamente, são incorporados pelas democracias. Afinal, as ditaduras também são governos com altos índices de consentimento obtidos por adesão ou medo.

Ismail Kadaré fala da Albânia, o “lugar das águias”, uma terra por onde circula uma estranha fábula sobre

como atingir o mundo de cima sentado nas asas desta ave de rapina que exige do transladado, somente pedaços de carnes. Por mais equipado que se esteja corre-se o risco da guarnição acabar, pois a travessia pelos precipícios é longa, a águia cobra regularmente sua ração e se pode chegar lá no mundo de cima reduzido ao esqueleto de um morto cujas carnes foram lentamente devoradas. A águia, como o ditador ou qualquer governante, alimenta-se dos que pretendem chegar ao cume.

Suzana é a filha do possível Sucessor do Condutor. Ela ama um jovem de quem deverá se afastar para agradar os governantes. O seu apaixonado namorado descartável recebe em troca um surpreendente convite para assistir, na primavera, a comemoração do primeiro de maio em um lugar especial na tribuna de honra. Ele atravessa o livro pelas ruas de Tirana pensando sobre a razão do convite, encontrando pessoas muito e pouco conhecidas que vão ficando pelo caminho, agrupadas em pequenos currais ou lugares reservados a indivíduos muito, pouco e menos importantes do que ele naquele dia. Todos desconfiam dele e ele de cada um. Suzana, a Ifigênia da vez, cederá. O Sucessor se imaginará o futuro Condutor e este será substituído conforme desejava. Tudo simples, poderoso e mortal!

Com a chegada da democracia, das empresas, das participações e das inclusões sociais, aparecem, imediatamente, outras comemorações articuladoras das massas como os festejos recordes de apresentações ao ar livre com bandas de rock'n' roll em que *vips* também vão ficando pelo caminho entre os espectadores e o palco, fato que se comunica com os eventos em ambientes fechados patrocinados por empresas privadas, estatais ou mistas que promovem celebridades instantâneas e ostracismos irreversíveis. Na ditadura ou na democracia, a maneira de distribuição do rebanho *vip* é similar;

as dúvidas entre os escolhidos se parecem, e todos se assujeitam para serem convidados especiais do tirano do Estado ou da glorificação da participação na empresa, ostentando o convite na mão ou a camiseta no tronco, sua medida de beleza e jovialidade. Trata-se de uma maneira sutil de sujeição nos escalões superiores que conjuga a obediência por amor à distinção e ao mérito procedimentais da tradicional burocracia do Estado moderno com a produtividade da burocracia privada. Será que hoje em dia “educação, trabalho produtivo e treinamento militar” somente fazem parte do antigo triângulo revolucionário?

A entrada da Romênia e da Bulgária na União Europeia, no final de 2006, facilitará a futura absorção da Albânia e da sua população liberta dos horrores que se abateram sobre ela no Kosovo, durante a ditadura Milosevic, no final do milênio passado. O governo de todos por um só (ditadura) ou o governo de todos por cada um (democracia), com ou sem divisão de poderes governamentais, segundo Proudhon, apenas mantêm a continuidade do Estado, ora com mais ou menos autoridades e liberdades. Diríamos, ora em nome do proletariado, ora em favor da população, para agradar o tirano ou a empresa. Entretanto, se empresa e governo estão associados e se ajustam por modulações fazendo com que os assujeitados amem os superiores, participando diretamente nesta vida institucionalizada, isto não se transforma em “lei de ferro”; há também a linha de fuga: o libertarismo ou Anarquia, praticamente impossível sob o regime ditatorial, torna-se um provável acontecimento a partir das restaurações democráticas.

O sucessor, o segundo livro dentro do livro, leva o leitor para outro canto. Ali onde não se mistura mais proletariado ou povo com dirigentes, superiores e empresários. Estamos diante dos arranjos, composições, pe-

quenas vinganças, jogos de morte, exílios, invejas que compõem a gramática do poder soberano. Ao condutor se deve tudo: “peça o que quiser, todos estamos dispostos a nos sacrificar” (p. 213).

O sucessor é achado morto no outono, num 14 de dezembro, em sua residência. Foi suicídio ou homicídio? Sabe-se somente que era esperada a queda do sucessor.

A continuidade do Condutor no sucessor depende menos do anúncio do escolhido do que dos ininterruptos arranjos burocráticos, da vontade do déspota, do proletário mais proletário. Sobre o sucessor recaem muitos olhos e seus gestos se tornam involuntariamente suspeitos. Até a beleza da reforma arquitetônica que realizou em sua residência será a *justa medida* das invejas. De que valerão a sua devoção incondicional e inabalável e a de sua esposa ao partido único? Depois de repentinamente morto, resta à sua família aceitar a partida para o exílio num confinamento no interior da Albânia, carregando o veredicto de traição do quase condutor, quando apenas ocorreu mais uma trapaça palaciana.

A destruição do sucessor foi irremediável desde a reluzente inauguração da residência reformada pelo arquiteto, equilibrando medida, ordem, proporção, ameaçando a individualidade do Condutor e a burocracia da ditadura. Trata-se da explicitação de mais um momento da história da individualidade, quando se estabelece a relação de proximidade entre a ditadura do proletariado e a aristocracia decadente, escondendo outros segredos pelos labirintos que levam aos porões. Estes lá permanecerão, até serem lembrados pela nova face do indivíduo, agora não mais dissolvido no coletivo, na linhagem de sangue ou na vanguarda da razão iluminista como ditadura do proletariado, mas no governo de todos por cada um, com a futura democracia e a consolidação da Euro-

pa como um grande Estado sobre os Estados federados. Disse, então, o arquiteto: “mudam os regimes, os hábitos, as catedrais, mas os crimes são sempre os mesmos. E a inveja, o seu primeiro móvel, tão amiúde esquecida, longe de amainar torna-se cada vez mais tenebrosa”.

Fidel Castro agoniza. Cuba esperará até sua morte para assistir sua sucessão pela linhagem de sangue do ditador ou por outra eminente democracia? Nesta sociedade de controle em que vivemos não faltam seguidores, amantes da obediência, do individualismo. Uma ditadura permanece mesmo depois da morte do soberano ao provocar o aparecimento de dispositivos de exceção que atravessam governos e expandem fluxos autoritários em nome da segurança democrática.

O livro de Kadaré fala da emergência de dispositivos de exceção presentes na ditadura e por isso é mais do que uma crítica à ditadura comunista a serviço de democratas juramentados. Provoca e perturba. Faz lembrar, na atualidade, que muita gente se entusiasma com Hannah Arendt e suas reflexões sobre o totalitarismo, talvez pela recusa a ler as reflexões menos liberais de Raymond Aron sobre democracia e totalitarismo. Entretanto, estes mesmos dois lados omitem as contínuas repetições registradas nestes regimes (quando muito, retratam semelhanças entre o totalitarismo nazista e o comunista), e pressentem que as diferenças podem provocar uma vida libertária como indicara Proudhon. Eles crêem que é possível se precaver de perturbações.

A continuidade da relação condutor-sucessor exige o sacrifício; este é o princípio do poder soberano em qualquer regime, seu direito de matar, mesmo no Estado de Direito.